



# E

A Revista do Expresso

EDIÇÃO 2701  
2 / AGOSTO / 2024



## Investigação

Mitra, o depósito  
de miséria humana  
Por Joana Pereira Bastos  
e Raquel Moleiro

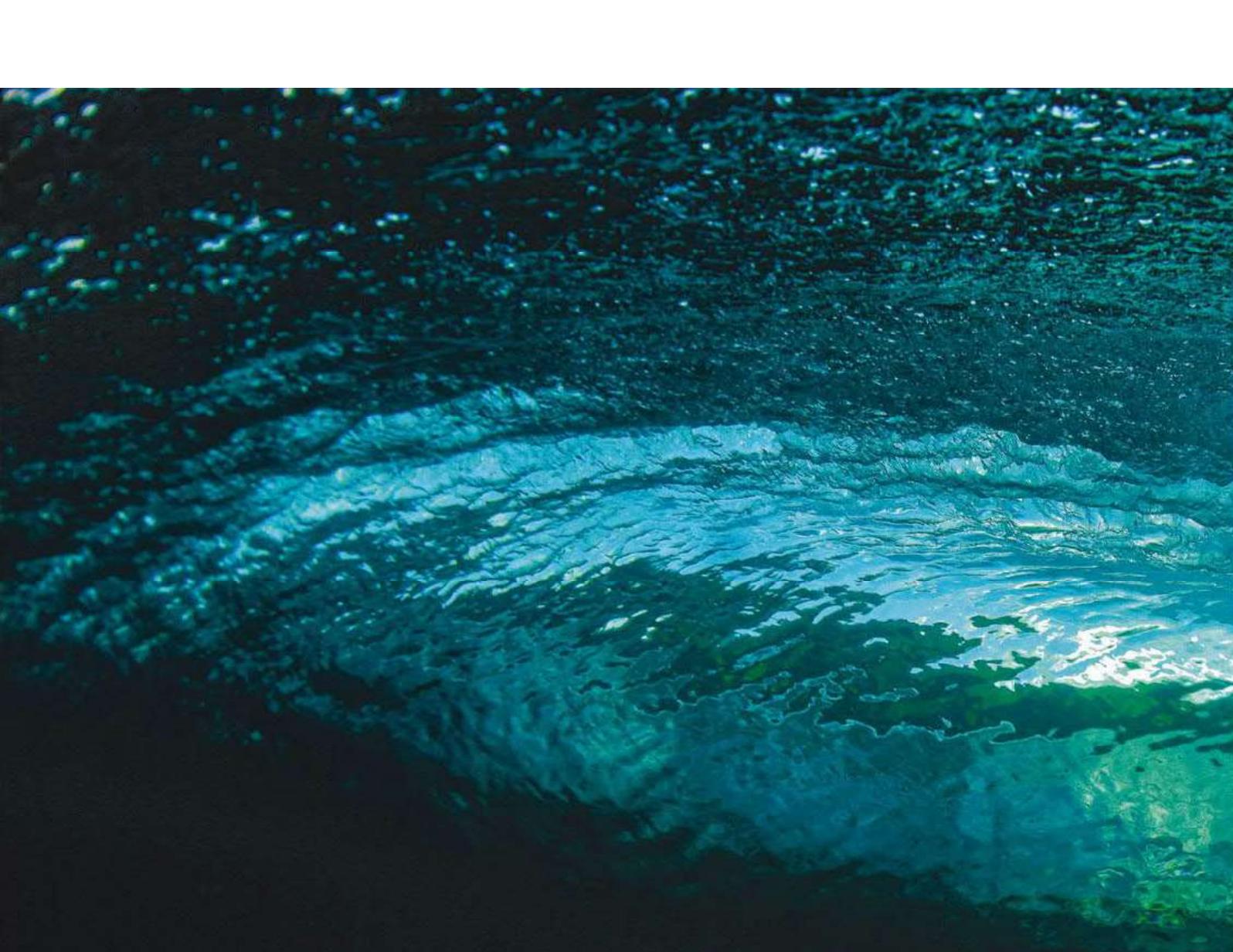
## Viajar

Descobrir Londres  
Por Jorge Calado

# Em busca da ONDA PERFEITA

No Havai ou no Taiti, nas ilhas Fiji ou em Bali, em Malibu ou na Nazaré. Os surfistas correm mundo à procura das mais perfeitas vagas que o mar lhes pode dar.

Daqui a dois anos, elas estarão, pela primeira vez em Portugal, numa piscina especializada para a prática do surf. Em Óbidos. Por Ricardo Marques



+E

Há décadas que os surfistas se aventuram pelos cantos mais recônditos do planeta em busca do santo graal do surf: a onda perfeita. Nos últimos anos, essa perfeição ganhou forma em piscinas um pouco por todo o mundo. E o novo mundo, previsível e controlado, chega a Óbidos dentro de dois anos

# A fazer



TEXTO  
**RICARDO MARQUES**

# ondas

**PORTUGAL** Kanoa Igarashi na Ericeira, onde tem casa, fotografado para o Expresso no início de julho, quando revelou detalhes da piscina de ondas que irá ser construída na zona de Óbidos



# R

ick Kane nunca existiu. Tudo na sua vida é uma mentira. O cabelo louro, a pele queimada do sol, aquela mochila que levava para todo o lado, e mais a prancha cor-de-rosa com duas quilhas. Diziam-lhe que era um prodígio, dizem que um dia, aos 17 anos, ganhou um campeonato de surf, pegou no dinheiro do prémio — uns 500 dólares — e saiu de casa à procura das maiores ondas do Havai, onde encontrou não a glória, mas o conhecimento. Falso. Kane nunca ganhou nada, nem sequer tinha casa. Mas é verdade que, numa cidade rodeada de terra por todos os lados, a mais de 500 quilómetros da praia mais próxima, nasceu um dia uma piscina que tinha ondas. Também não é mentira que há ondas grandes no Havai. Na maior parte dos dias, também há sol e calor.

Eis duas coisas que era difícil encontrar numa manhã de julho, há pouco mais de um mês, não muito longe da Ericeira. Soprava um vento forte, de norte, e havia nuvens por todo o lado. Kanoa Igarashi, um dos melhores surfistas do mundo — 16º no ranking WSL, vice-campeão olímpico no

Japão e um dos candidatos às medalhas nos Jogos de Paris —, olhava para o mar, nada convidativo, com o ar tranquilo de quem conhece demasiado bem as regras do jogo: acordar cedo e seguir para a praia, à procura de ondas perfeitas. Nisso, Kanoa é igual a todos os surfistas. A diferença é que, como atleta profissional de alta competição, nove em dez manhãs acaba dentro de água. Pode estar grande, pequeno, com pouca gente ou gente a mais, com o vento certo ou completamente errado [certo significa a soprar de terra para o mar], ele vai. É preciso treinar. Depois ginásio, descansar e repetir. “Normalmente, surfo três vezes por dia”, diz Kanoa, enquanto fecha o casaco numa arriba.

Kanoa Igarashi nasceu em 1997, quando Rick Kane já levava uma década a não existir. Kane é o personagem principal de um filme de 1987 chamado “North Shore”, a que na versão portuguesa se acrescentou “Desafio no Havai”. Kanoa já ouviu falar, mas nunca viu. Não se trata de uma obra-prima de Hollywood. A história segue o arquétipo tradicional do herói que parte numa jornada de



NUNO BOTELHO

autodescoberta, enfrenta contrariedades, inimigos, apaixonar-se e no fim, superados os obstáculos com os ensinamentos de um mestre, encontra a redenção. Há quem diga que, como filme, é mau. Mas isso não impediu que, no início da década de 90, se tornasse um verdadeiro êxito entre a comunidade do surf em Portugal e circulasse rapidamente em cassetes VHS, regravadas ao limite, um pouco por todo o país. E, mergulhando um pouco mais na história, é fácil perceber por quê.

“North Shore” tinha imagens das melhores ondas do Havai. No filme entravam surfistas tão conhecidos como Mark Occhilupo (interpretava-se a si próprio), Derek Ho (o rei de Pipeline, a onda rainha de Oahu), Laid Hamilton (como Lance Burkhart, o profissional que não olha a meios para atingir o sucesso), e o mítico Gerry Lopez (um dos grandes surfistas havaianos, que encarnava a personagem de Vince Moaloka, o líder dos Hui, o grupo de locais que aterroriza os visitantes). Havia paisagens deslumbrantes, ondas perfeitas, tubos e manobras. Vestígios animados de um mundo

**O mar é um soberano imprevisível: a duas semanas de ondas perfeitas podem seguir-se dois meses de nada. Ainda mais complexo: a perfeição não é universal**

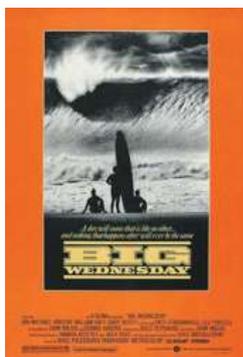
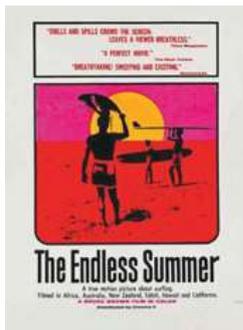
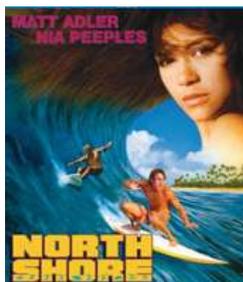
perfeito que a Portugal só chegava pelas páginas das escassas revistas que aterravam nas bancas. Sim, e lá estava também Rick Kane, que no fim do filme, ao beijar a namorada havaiana no aeroporto, é um surfista completo, em sintonia com o oceano e capaz de surfar em qualquer mar — tinha tanto a ver com o inexperiente rapaz do início como as perfeitas ondas da costa norte da ilha havaiana de Oahu têm a ver com os balanços minúsculos de Big Surf, a piscina de ondas em Tempe, no Arizona, onde Kane se tornou campeão. A piscina existe mesmo. Kane não.

#### ONDA EM ÓBIDOS

Há dois anos alguém lançou a semente da perfeição num pedaço de terra em Óbidos onde agora só há espaço e pequenos eucaliptos. “A família tinha vários terrenos naquela zona. Alguns foram sendo vendidos, e dando lugar a empreendimentos, mas eu queria fazer algo diferente, algo que ligasse bem com toda a parte do surf, em que estamos inseridos, da Ericeira a Peniche e à Nazaré”, conta ao Expresso Manuel Vasconcelos, um dos sócios da Surfers Cove. “No último trimestre de 2022 surgiu esta oportunidade.” Se tudo correr como previsto, dentro de dois anos, no verão de 2026, naqueles cinco hectares entalados entre a lagoa e o mar, na zona da Praia Del Rey, estará a funcionar uma verdadeira fábrica de ondas perfeitas. Será a primeira piscina de ondas em Portugal, adequada a todos os níveis de surf: dos iniciantes aos profissionais.

O aldeamento turístico de quatro estrelas terá 56 unidades de alojamento, um restaurante, uma loja de surf, vários skate parques, *courts* de padel e de beach ténis, uma escola de surf, um espaço de *wellness*, zonas verdes ajardinadas, pista de bicicletas e zona para eventos corporativos. “Sendo um empreendimento turístico e de lazer poderá ser utilizado durante o horário noturno. Antecipamos uma faturação anual na ordem 10 milhões de euros, em velocidade de cruzeiro, dos quais 60% resultarão do negócio relacionado com o surf, e prevemos a criação de 50 postos de trabalho”, refere Ricardo Cunha Vaz, administrador da Menlo, acionista da Surfers Cove.

A linguagem económica não deixa transparecer a complexidade do projeto: no fundo, trata-se de replicar numa piscina algo parecido com o que a natureza levou milhões de anos a conseguir. As ondas mais perfeitas do mundo — aquelas que os surfistas perseguem do Havai à Indonésia, das Maldivas à Califórnia, de Portugal à Austrália, e



**SURF NA TELA** Em 1987, “North Shore” (“Desafio no Havaí”) relatava as aventuras do surfista Rick Kane, tornando-se um clássico na comunidade nacional de surf. Duas décadas antes, “The Endless Summer” (1966) mostrava o que era uma onda perfeita: Cape St. Francis, na África do Sul. Em 1978, “Big Wednesday” (“Os Três Amigos”) retratava os dias de glória na Califórnia, antes de eclodir a Guerra do Vietname

ao Taiti, palco da competição olímpica de surf — são o resultado de uma fórmula que inclui, entre outras variáveis, a orientação da linha de costa, a exposição da mesma às ondulações que atravessam os oceanos, a composição do fundo num determinado ponto, a direção do vento. Depois, claro, todas as ondas são sensíveis à maré — algumas só funcionam na baixa-mar, outras na preia-mar. Isto sem levar em conta que, na maioria dos casos, as tais ondas perfeitas acarretam sempre um fator de risco — a maioria tem recifes no fundo. Vejamos apenas o caso de Teahupoo, no Taiti, palco da competição olímpica de surf onde está Kanoa Igarashi: trata-se de uma bancada de coral rasa, que emerge a pique do fundo do mar e onde explodem com toda a força as ondas. Pipeline, no Havaí, é um recife tão perfeito que abre tubos enormes para a esquerda — para a direita a mesma onda chama-se Backdoor, e é ainda mais difícil.

Há um momento no filme em que Rick Kane caminha à beira-mar com Chandler, o homem que faz pranchas, o tal mestre que o ajuda, e que vai desenhando na areia a forma como as diferentes ondas rebentam — “sempre a uma profundidade que é metade da sua altura”, diz-lhe. Explica-lhe depois que os verdadeiros surfistas entendem as ondas, fluem com elas, e nada lhes impõem. O mar é um soberano imprevisível: a duas semanas de ondas perfeitas podem seguir-se dois meses de absolutamente nada. Ainda mais complexo: a perfeição não é universal. É diferente para quem começou há dois meses — e encontrará felicidade em meio metro de onda num dia de verão — e para quem faz surf há 20 anos. Podem ser dois metros na Indonésia, ou 30 na Nazaré.

O segredo das piscinas de ondas é maximizar os pontos positivos e minimizar os negativos. Há uma máquina que gera uma onda, presa entre as paredes da piscina, e um fundo que é desenhado para potenciar a energia dessa onda, que corre ao longo de uma área mais ou menos extensa. Todas as horas, todos os dias. Ao gosto de cada um. A piscina de Óbidos vai usar a tecnologia Wavegarden, que começou a ser desenvolvida há mais de uma década nas montanhas do país basco, não muito longe de San Sebastian, e que já tem oito piscinas em funcionamento: duas no Brasil (uma delas, a Praia da Grama, em São Paulo, é um verdadeiro condomínio de luxo), duas na Austrália, uma na Suíça, outra no Reino Unido, outra na Coreia do Sul, além da casa-mãe, em Espanha. Até ao fim de 2025, vão abrir mais três: duas nos EUA e uma na

Escócia. Em desenvolvimento estão mais de duas dezenas, a portuguesa incluída. É um processo eletromecânico (e secreto), com um módulo que divide a piscina ao meio, capaz de gerar até mil ondas por hora, em ambas as direções.

O caminho basco para a perfeição não é o único. O mais famoso talvez seja o Surf Ranch, na Califórnia, a onda criada pelo melhor surfista de todos os tempos, Kelly Slater. Uma espécie de pequeno comboio atravessa um enorme tanque arrastando atrás de si na água uma pá capaz de gerar uma onda que permite manobras e tubos. É a única onda certificada pela World Surf League (que organiza os campeonatos mundiais) e, por isso, desde 2018 já foi palco de quatro etapas do circuito mundial de surf. Em 2017, Gerry Lopez, ou Vince no mundo de Rick Kane, teve a honra de surfar a primeira onda para a esquerda. Na Austrália, Mark Occhilupo — campeão mundial de surf em 1999, 12 anos depois de se ter cruzado com Rick Kane — dá a cara pelo Surf Lakes, um projeto com ar de “Mad Max”, em que uma enorme peça de ferro, movida como se fosse um martelo pneumático, gera ondas perfeitas a toda a volta de uma lagoa redonda. Há ainda uma outra tecnologia usada no Texas, em Waco, e a 10 de agosto abre em Munique, na Alemanha, o O2 Surf Town, com a sua própria máquina de fazer ondas.

“A diferença principal em relação ao mar, em termos de ondas, é apenas que as ondas nas piscinas têm menos energia. No mar a energia não tem limite. Nas piscinas temos de pagar a energia que numa onda é muito grande, é como se tivéssemos de pôr um comboio em marcha para uma pessoa surfar uma onda”, resume Pedro Bicudo, professor do Instituto Superior Técnico, investigador do Centro de Física e Engenharia de Materiais Avançados, e surfista. “Outra diferença, além do preço da energia, é o preço do terreno, da obra, do equipamento e da água. É tudo muito caro. Por isso as piscinas de ondas geralmente inserem-se em grandes projetos imobiliários e de animação turística. Vendendo moradias de luxo, e com o rendimento de bares e restaurantes de luxo, estes projetos passam a ser viáveis economicamente.”

#### SONHO DE MENINO

Em casa de Kanoa Igarashi, na zona da Ericeira, os sapatos ficam à porta. É um costume japonês de que não prescinde. O pai era de Tóquio, surfista e emigrou com a mulher para a Califórnia, onde Kanoa nasceu em 1997. Começou a surfar aos três



ADRIAN DENNIS / GETTY IMAGES



1 Em Bristol, no Reino Unido, o The Wave é um complexo para a prática de surf fora do mar capaz de proporcionar mil ondas dos mais variados tamanhos, para iniciados ou profissionais. Foi o primeiro do género a abrir e utiliza a tecnologia Wavegarden Cove, a mesma que vai ser implementada em Portugal 2 O sistema Wavegarden Cove, tal como tem sido adotado em vários países e que chegará a Óbidos daqui a dois anos 3 Surf Lakes, uma piscina de ondas onde o antigo campeão de surf Mark Occhilupo dá a cara por um projeto com ar de "Mad Max" 4 Mapa da localização da piscina de ondas na costa oeste portuguesa 5 Kanoa Igarashi durante o campeonato da WSL, no surf ranch de Kelly Slater, em 2021



JAIMÉ FIGUEREDO



ALLEN J. SCHABEN / LOS ANGELES TIMES / GETTY IMAGES

## “Vim a Portugal para um campeonato e mal saí do aeroporto senti-me confortável. Fomos comer um pastel de nata e eu disse que este era o melhor país do mundo” Kanoa Igarashi

anos, venceu o primeiro campeonato aos seis e aos 14 sagrou-se campeão americano na categoria de sub-18. Dois anos depois entrou para a elite do surf mundial — o mais novo de sempre a consegui-lo — e até hoje é sempre encarado como um sério candidato ao título de campeão mundial. Algo que ainda não conseguiu. “O meu sonho de criança, quando ia surfar antes e depois da escola, mesmo antes de querer ser campeão do mundo, era surfar numa piscina de ondas”, revela, num português tão claro que inclui palavras como “bué”, “bazar” e expressões como “beber um copo”.

No início de julho, Kanoa estava em casa, em Portugal, mas em trânsito. As pranchas, mais de uma dezena, nem chegaram a sair dos sacos, largados junto à porta da frente. Chegara dias antes do Brasil, com um resultado dececionante na bagagem, e estava a dias de partir para o Taiti, como membro da seleção japonesa de surf. A altura ideal para anunciar que era um dos investidores da piscina de ondas de Óbidos. E para ver como iam as obras da nova casa, a uns dois quilómetros da casa atual. “Esta ligação a Portugal tem uns dez anos. Vim aqui para um campeonato e mal saí do aeroporto senti-me confortável. Vinha com um amigo italiano, um dia de sol incrível, fomos a Lisboa e comemos um pastel de nata e eu disse-lhe que este era o melhor país do mundo.” Desde então nada mudou e, no último europeu, por entre todos os portugueses, lá estava o japonês nascido na América a festejar os golos da seleção. “Era algo que não entendia, mas agora já começo a perceber, a vossa cultura de futebol”, reconhece.

Sem ondas para surfar — nem na Baía dos Coxos, nem em Supertubos, em Peniche, duas ondas perfeitas onde é presença habitual quando os melhores dias o apanham em Portugal —, Kanoa empenha-se numa conversa para norte, em direção a Óbidos, às ondas que a máquina há de gerar. “Nunca pensei que, durante a minha carreira, iria conseguir surfar em piscinas com ondas tão perfeitas, que permitem tubos, manobras”, diz. “Repara, ontem estive duas horas no mar e apanhei três ondas... Odié. Na piscina, em quatro minutos apanhei três ondas. E isso, para um atleta profissional, é muito importante. Se quiser treinar uma manobra aérea, na piscina sei que vou apanhar 15 ondas iguais, todas com uma rampa para o aéreo. No mar não é assim. O vento pode não estar bom, a onda pode ser mole, há muita gente na água...” Atrás de si, como num quadro, a imagem desoladora do mar sem ondas valia mil palavras.

É certo que os surfistas profissionais e os atletas de alta competição serão clientes assíduos da primeira piscina de ondas portuguesa. Mas não serão os únicos, nem sequer a maioria. Filipe Daniel, presidente da Câmara Municipal de Óbidos, reconhece que o investimento não podia ter chegado em melhor altura. “O turismo tem vindo a crescer muito na nossa região, muito ligado à praia, ao golfe, à lagoa, a uma certa qualidade de vida e de clima — que é excelente para quem nos visita vindo de zonas mais quentes”, explica. Neste momento, a oferta de alojamento no concelho já não chega para a procura. E as 144 camas do Surfers Cove, não resolvendo, ajudam. “De certo modo, o surf vai ser complementar ao que já temos. No golfe, por exemplo, será ótimo para as famílias dos jogadores. E será sempre mais uma oferta para os milhares de pessoas que nos visitam durante todo o ano nos eventos que organizamos, da vila natal ao mercado medieval, ao Folio, etc.”, concretiza Filipe Daniel. Sim, a piscina de ondas também é boa para quem nunca fez surf. Capaz de gerar vários tipos de onda — iniciantes, intermédias, avançadas, tubulares —, a tecnologia é tão amiga dos primeiros passos que Kanoa Igarashi já prometeu a vários amigos portugueses ensiná-los a surfar em Óbidos. Será uma questão de combinar o dia e a hora. As ondas estarão lá.

Não é fácil apanhar Marcelo Martins. Quase sempre porque está dentro de água. Há 30 anos abriu uma escola de surf em Santa Cruz, Torres Vedras, mas os estudos levaram-no para o Porto e a ideia foi atrás. Desde 2000, funciona em Matosinhos, a Onda Pura Surf Center — que há poucos meses entrou para o grupo de investidores do Surfers Cove. Marcelo já perdeu a conta ao número de pessoas a quem apresentou o surf, por isso sabe de cor aquilo que sentem. “Há muitas pessoas que nem sequer tentam porque têm medo do mar. Além disso, a evolução no surf assenta na repetição constante. É por isso que muita gente desiste, porque é difícil ter sempre as mesmas condições. Ora, na piscina, é possível controlar isso, sempre as mesmas ondas, boas, e em total segurança”, explica ao Expresso. Marcelo já experimentou várias piscinas de ondas semelhantes à que vai ajudar a criar em Óbidos. A última foi na Austrália. “É tudo um bocadinho diferente do mar. A densidade da água, o tipo de prancha que tens de usar, toda a componente mecânica, que é difícil ignorar. Mas apanhas muito mais ondas,

não há confusão na água e, lá está, tem também todo o lado de segurança e repetição”, enumera.

O vento norte bate na costa portuguesa há seis dias seguidos, e por isso é fácil regressar a Santa Cruz, mas aos dias de hoje. Gonçalo Alves é um dos responsáveis do resort Noah Surf House, mais um dos investidores da piscina de Óbidos. “Portugal é um destino de excelência no mercado global do surf e daí a importância deste projeto. A piscina de ondas será uma oferta complementar, algo que vai melhorar e acelerar a capacidade de qualquer pessoa surfar melhor. Creio que a maioria das pessoas ainda não tem noção do impacto que a piscina de ondas vai ter na região e mesmo no país”, afirma.

Quando o Surfers Cove estiver em velocidade de cruzeiro, a piscina de 110 metros terá capacidade para funcionar 16 horas por dia, com cerca de 40 utilizadores por hora, com diferentes perfis. “Terá os regulares, que irão com quem vai ao ginásio, mas também os esporádicos, que aparecem de vez em quando”, prevê Gonçalo. Manuel Vasconcelos garante que ninguém ficará de fora e que haverá preços diferentes para diferentes perfis. Na Alaia Bay, na Suíça, é possível oferecer uma sessão de uma hora a um amigo por 114 euros. “Determinados horários serão mais baratos, alguns dias também, teremos acordos com as escolas...”, explica Manuel. Eis algo que o presidente da Câmara de Óbidos vai gostar de ler. Filipe Daniel confirmou que a autarquia “não gastou um cêntimo” no projeto, e que por isso nada pode exigir. O que não significa poder sonhar com os miúdos das escolas do concelho a aprenderem a fazer surf na piscina.

Excelente altura para algumas contas. Mil pessoas por dia, 16 horas a funcionar, um tanque com 110 metros, restaurante, hotel, zonas de skate, espaços verdes... E o ambiente? O consumo de água? “A sustentabilidade é uma das nossas preocupações”, garante Gonçalo Alves. “O surf e o ambiente têm de ser salvaguardados”, acrescenta Marcelo Martins. Um e outro, tal como Manuel Vasconcelos, estimam, com a mesma frase, que o consumo de água na futura piscina seja equivalente “ao de dois buracos de um campo de golfe”. Em paralelo, asseguram, haverá uma aposta na energia solar, na construção em blocos de madeira, na reutilização de água dos tanques — que terão apenas 20 por cento de betão, e o resto numa membrana especial —, no tratamento de resíduos e até um detergente específico — e amigo do ambiente — para lavar fatos de surf. “A tecnologia Wave Garden é também a mais sustentável”, acrescenta Kanoa Igarashi,

salientando que, em comparação com a piscina de Kelly Slater, cada onda de Óbidos terá um gasto energético muito inferior.

#### QUÃO GRANDE É O MAR?

A 18 de abril de 2016, escassos oito dias após Kanoa Igarashi ter sido eliminado do Drug Aware Margaret River Pro, na Austrália, pelo sul-africano Jordy Smith, o júri do prémio Pulitzer atribuiu o prémio Biografia a William Finnegan, jornalista da “New Yorker”, pelo seu livro “Barbarian Days — A Surfing Life” (“Dias Bárbaros — Uma Vida no Surf”, Edições 70). Sem receio de generalizações, trata-se de um dos melhores livros de surf alguma vez escritos. Tão bom como dizem que “North Shore” é mau. Finnegan cresceu no Havai, andou à pancada com os filhos de imigrantes portugueses, e aprendeu a surfar nas ondas de Waikiki e Diamond Head, perto de Honolulu. E nunca mais parou. No final da década de 70, estava algures no Pacífico Sul, a caminho de Fiji e prestes a ser um dos primeiros homens a surfar Cloudbreak, a mítica esquerda perto da ilha de Namotu. “Assim que as ondas começaram a chegar, pareciam nascer imensas piscinas de espanto à nossa volta, calando-nos ou reduzindo-nos a um código e a murmúrios, tal como se estivéssemos na igreja”, escreveu sobre a experiência de surfar aquelas ondas perfeitas só com um amigo.

A década de 70 foi pródiga em descobertas. O havaiano Gerry Lopez, Vince no filme “North Shore”, viajou com os amigos para a Indonésia, onde poucos ou ninguém tinha ido, em buscas das esquerdas perfeitas de Bali. É dele a primeira onda em Uuwatu, em 1974. Jovens de todo o mundo deambulavam pelas costas e ilhas do Índico e do Pacífico à procura de ondas que juravam nunca revelar. Em 1966, um outro filme, “The Endless Summer”, de Bruce Brown, tinha mostrado ao mundo

o que era, então, uma onda perfeita: Cape St. Francis, na África do Sul, uma pequena onda para a direita que parecia interminável. Esses eram os dias das pranchas grandes, com uma só quilha, os dias de glória da Califórnia, de Malibu, dos fins de semana no México, de uma certa juventude americana prestes a ser engolida pela Guerra do Vietname. Eram os dias retratados em “Big Wednesday”, de John Milius (“Os Três Amigos”, em português), o filme de surf em que Hollywood talvez se tenha aproximado mais da perfeição. “Os surfistas têm um fetiche com a perfeição. A onda perfeita, *et cetera*. Uma coisa assim não existe. As ondas não são objetos estáticos na natureza, como rosas ou diamantes. (...) Os melhores dias nos melhores picos assumem um aspeto platónico — começam a dar forma a um modelo daquilo que os surfistas querem que sejam as ondas. Mas esse começo é o fim”, escreve Finnegan.

Os dias de hoje parecem mais um começo. Marcelo Martins, da Onda Pura, em Matosinhos, não acredita em limites. “Podemos vir a ter ondas com 2 metros, 2 metros e meio numa piscina... Tudo depende da evolução tecnológica e do conhecimento de variáveis como os fundos e as paredes das ondas.” Algo com que Pedro Bicudo, do IST, não tem dificuldade em concordar. “Tenho a certeza de que a tecnologia irá continuar a melhorar nos próximos anos, pois existem diversas técnicas a explorar, em termos tecnológicos e científicos, tanto pela geração da onda com pelo perfil do fundo da piscina, e ainda pelos estudos com modelos físicos e numéricos da onda. Certamente que, desde que o modelo financeiro seja rentável, irá haver piscinas artificiais cada vez maiores, bem como as suas ondas. O número de surfistas, especialmente o de surfistas ricos, bem como os empreendimentos imobiliários, têm vindo a crescer exponencialmente no mundo todo, pelo que isto é expectável.”

Haverá então um dia em que tudo o que procuramos já estará encontrado? “Não creio. Essa busca pela perfeição é a essência do surf. Quando vou à Indonésia atrás de uma determinada onda, sabendo que vou apanhar os melhores tubos da minha vida, não vou só por isso. Vou pelo destino, pelas pessoas, pelas paisagens. A piscina não vai substituir isso, se calhar até vai melhorar. Porque posso treinar antes, aperfeiçoar o meu surf e usufruir ainda mais dessa viagem”, arrisca Marcelo Martins. Não é o único. “Estou sempre numa luta comigo próprio, a pensar que se quero surfar uma onda perfeita tenho de viajar para o outro lado do mundo, não dormir durante três dias, esperar que o mar esteja bom e aproveitar meia hora numa maré. Como se tivesse que merecer”, revela Kanoa Igarashi. “Pessoalmente, gosto dessa coisa da caça, de acordar às quatro da manhã, ir para Peniche, não haver ondas e só surfar às três da tarde... Mas não é prático. As vezes penso por que é que gosto de sofrer tanto para surfar uma onda boa?”

Cloudbreak, a onda de Finnegan em Fiji, é hoje um *resort* turístico e palco de uma prova do mundial de surf (20-29 agosto). Bali é um dos destinos mais procurados e todos os anos cresce o número de surfistas na água. Sucede nas ilhas Mentawai, ao largo de Sumatra, o mesmo que nas Maldivas: todos os anos abrem novos *resorts* e barcos que, a troco de uns milhares de dólares, prometem chegar a ondas perfeitas que quebram em água quente e cristalina. Há uma esquerda interminável na Namíbia, praias quilométricas com tubos por todo o lado na Nicarágua, direitas perfeitas em El Salvador, há ondas no Canadá, na Islândia e na Noruega. O final do verão não é má altura para ir a França, mas antes é obrigatório dar um salto a Portugal. Depois, já se sabe, Marrocos. As últimas semanas têm sido incríveis em Jeffreys Bay, na África do Sul (Bruce Brown não chegou a passar por lá). Mais uns meses e na Gold Coast, com fundos alimentados por enormes tubos que despejam areia da foz do rio Tweed, Snapper Rocks acordará em toda a sua glória e haverá centenas de pessoas na água. E, em dezembro, todos irão rumar ao Havai, em busca da glória em Pipeline ou de novos limites em Sunset, arriscando tudo nas ondas gigantes de Waimea. Tudo será fotografado e filmado e no mesmo dia partilhado à escala global. O mundo tornou-se pequeno. Tão pequeno como as ondas da piscina em que Rick Kane começou a não existir. ●

**Nas piscinas de ondas há uma máquina que as gera, ao gosto de cada um. É um processo secreto, capaz de criar até mil ondas por hora em ambas as direções**

rmarques@expresso.impresa.pt